

GEE Papers

Número 36

Maio de 2011

**Criação de empresas em Portugal e Espanha:
análise comparativa com base nos dados do
Banco Mundial**

Elsa de Morais Sarmento

Alcina Nunes

Criação de empresas em Portugal e Espanha: análise comparativa com base nos dados do Banco Mundial

Elsa de Morais Sarmento

Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial
Universidade de Aveiro

Alcina Nunes

Escola Superior de Tecnologia e Gestão
Instituto Politécnico de Bragança

Classificação JEL codes: M13, M21, L26

Palavras-chave: Empreendedorismo, Registo de empresas, Portugal, Espanha, Banco Mundial, WBGES.

Resumo

Do Inquérito ao Empreendedorismo do Banco Mundial (WBGES 2008) resultou uma extensa base de dados de cerca de uma centena de países, baseada em dados dos registos notariais. Com base nesta fonte de informação, exploram-se as trajectórias de evolução da criação de empresas entre 2000 e 2007 entre dois países geográfica e economicamente próximos, Portugal e Espanha, e destes países relativamente à União Europeia e à OCDE, bem como a outros países e fontes de informação.

Análises anteriores, com base noutras fontes de informação, apontam para taxas de criação de empresas em Portugal superiores às de Espanha. Os dados do WBGES permitem validar essas conclusões. Porém, Portugal evidencia uma volatilidade superior no registo de empresas. Em 2001, o elevado acréscimo no registo de novas empresas representa um fenómeno isolado e específico para Portugal, não havendo paralelo nem nos países europeus da coesão, nem ao nível da média da União Europeia. O projecto Empresa na Hora não teve um impacto visível a nível do registo de empresas, considerando a evolução ao longo deste período.

Por outro lado, Espanha detém uma densidade empresarial considerável, não só do total de empresas registadas, mas também do registo de novas empresas, apesar de Portugal apresentar taxas de crescimento médias superiores do registo de novas empresas, indiciando maiores taxas de sobrevivência empresarial que as existentes em Portugal.

No entanto, de acordo com os dados dos registos de criação de empresas, apesar de Portugal e Espanha apresentarem densidades empresariais superiores à média da União Europeia e da OCDE, possuem taxas de registo de novas empresas relativamente mais baixas, o que leva a concluir por uma relativa menor dinâmica empresarial na criação de novas empresas.

Finalmente, constata-se que as taxas de criação de empresas baseadas no WBGES 2008 são menos elevadas do que as obtidas quando se considera o universo de empresas economicamente activas. Este facto indica que análises comparativas de empreendedorismo não devem considerar isoladamente os dados oficiais de registo de empresas, devendo ser complementadas com outras fontes de informação, onde esteja representado o universo relevante de empresas que se encontrem efectivamente em actividade.

Índice

1. Introdução	5
2. Breve revisão da literatura	6
3. World bank entrepreneurship survey 2008 (wbges)	8
3.1. Metodologia	8
3.2. Indicadores utilizados no wbges 2008	10
4. Análise comparativa entre Portugal e Espanha	11
4.1. Comparação sectorial	16
5. Comparações internacionais	17
5.1. Comparações entre Portugal, Espanha, Grécia e Irlanda	17
5.2. Comparações adicionais com a União Europeia e a OCDE	19
6. Comparação com outras fontes de informação	21
7. Comentários finais	24
bibliografia	26

Criação de empresas em Portugal e Espanha: análise comparativa com base nos dados do Banco Mundial

Elsa de Morais Sarmento

Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial

Universidade de Aveiro

esarmento@ua.pt

Alcina Nunes

Escola Superior de Tecnologia e Gestão

Instituto Politécnico de Bragança

alcina@ipb.pt

1. Introdução

Desde meados dos anos 80, que o empreendedorismo tem vindo a ser alvo de interesse, não apenas em termos académicos, mas também como ferramenta de intervenção na promoção do crescimento económico e da inovação, independentemente do nível de desenvolvimento do país (Acs et al., 2008). Este foi um dos objectivos que assistiu à sistematização de informação sobre o registo de empresas por parte do Banco Mundial. Do inquérito ao empreendedorismo, intitulado *World Bank Entrepreneurship Survey (WBGES)*, efectuado pelo Banco Mundial, que surgiu da combinação de esforços empreendidos pelo Departamento de Investigação do Banco Mundial (BM), pelo *Institute Finance Corporation (IFC)* e pela Fundação Kauffman, resultou uma extensa base de dados em painel sobre a criação de empresas, considerada a mais exaustiva compilada até hoje. Esta base de dados apresenta um potencial de caracterização e de comparação da actividade empresarial entre mais de 100 países industrializados e em desenvolvimento, ao longo do período compreendido entre 2000 e 2007. Esta tem como objectivo acompanhar os desenvolvimentos do sector privado e aferir o impacto do empreendedorismo no crescimento económico, procurando simultaneamente monitorizar e avaliar o impacto de reformas, nomeadamente a nível de regulação, alterações institucionais e de política económica (Klapper et al., 2009 e 2008; Klapper 2008 e 2006; Banco Mundial, 2008). Outro dos objectivos que assiste à criação desta base de dados é o de melhorar o conhecimento sobre os mecanismos de transição de empresas do sector informal para o formal, tanto em países desenvolvidos, como em vias de desenvolvimento, de forma a delinear as medidas e os incentivos mais adequados para acelerar o processo de transição de empresas para a economia formal.

Portugal e Espanha são países vizinhos, pertencentes à União Europeia (UE), com características geográficas e económicas próximas, que têm vindo a estreitar o seu relacionamento comercial nas últimas décadas. O dinamismo da economia espanhola e as características da sua estrutura económica estão também patentes na dinâmica do seu tecido empresarial. A criação de empresas pode ser vista como indicativa de um mercado livre e aberto que não está condicionado por barreiras à entrada ou por outros factores de rigidez do mercado. A entrada de empresas no mercado é também uma forma de relocação de recursos de uma utilização para outra. Por outro lado, os custos de bem-estar associados ao excesso de volatilidade empresarial podem manifestar-se ao nível do desemprego e do crescimento da produtividade.

Para além da publicação de dados estatísticos, mais ou menos comparáveis e harmonizados, a literatura académica dedicada à compreensão mais exaustiva das causas dos fenómenos empresariais entre países não é abundante. Efectivamente, poucos são os estudos onde Portugal e Espanha são analisados em simultâneo. Uma análise comparada da dinâmica empresarial destes dois países apresenta-se relevante na procura de determinantes e padrões evolutivos comuns, nomeadamente a nível da turbulência empresarial, característica marcante da demografia empresarial em Portugal nas últimas décadas (Sarmiento e Nunes, 2010b; Nunes e Sarmiento, 2010b e 2010c).

São já conhecidas algumas das características diferenciadoras da dinâmica empresarial entre estes dois países, que apontam para taxas de natalidade (mas também de mortalidade) das empresas portuguesas superiores às das empresas espanholas (OCDE, 2008 e 2009; López-Garcia e Puente, 2006; Nunes e Sarmiento, 2010a e 2010b; Cabral, 2007; Consejo Superior de Cámaras de Comercio en España, 2003). As maiores taxas de sobrevivência de empresas espanholas, traduzem-se num maior número de empresas que

conseguem permanecer em actividade no mercado, sendo este um dos factores responsáveis pela elevada densidade empresarial existente em Espanha, acima da média da União Europeia (UE), já identificada em análises anteriores pelo Eurostat,(2004).

No entanto, os dados do inquérito do Banco Mundial apenas contemplam a criação de empresas e não o ciclo completo de nascimentos e mortes de empresas. Tendo esta restrição em consideração, este estudo pretende comparar, a partir dos registos de empresas do WBGES 2008 do Banco Mundial e recorrendo a comparações internacionais intra e extra-UE, a performance relativa do empreendedorismo em Portugal e Espanha, ao longo do período compreendido entre 2000 e 2007, bem como fundamentar essas conclusões através da comparação com outras fontes de informação. Pretende-se portanto efectuar uma dinâmica empresarial comparada do registo de empresas entre os dois países, e entre estes e um conjunto de blocos económicos e de países em diferentes estágios de desenvolvimento, recorrendo a uma nova fonte de informação.

As secções deste estudo estão organizadas da seguinte forma, na próxima secção é feita uma breve referência à literatura relevante, a que se segue a descrição da metodologia, terminologia e indicadores. Na secção 4 é feita a comparação entre Portugal e Espanha. Na secção 5 procede-se à comparação entre os ex-países europeus da coesão, entre Portugal e Espanha, a UE e a OCDE, e finalmente comparam-se estes resultados com fontes de informação alternativas. A secção 6 conclui.

2. Breve Revisão da Literatura

Klapper et al. (2008) fornecem o enquadramento metodológico para uma das primeiras análises comparativas de empreendedorismo, alargada a economias em desenvolvimento. Esta centra-se em 84 países, durante o período de 2003 a 2005, com base nos dados do primeiro questionário do Banco Mundial (WBGES, 2007), que considera a criação de empresas e a sua relação com o ambiente de negócios e a governança. Os dados constantes no WBGES 2008, revelam um elevado potencial para análises temporais comparadas sobre as alterações de composição e de crescimento do sector privado e sobre o impacto de medidas de política sobre o ambiente regulatório, político e macroeconómico no empreendedorismo e no crescimento económico, na medida em que podem ser construídos *benchmarks*, por exemplo, a partir das taxas de entrada de novas empresas no mercado formal, que sirvam para medir o sucesso de políticas que se destinem a apoiar e desenvolver o sector privado. Por outro lado, esta base de dados pode ser utilizada para testar empiricamente os determinantes da criação de empresas (Klapper et al., 2008 e 2009; Acs et al., 2008), de forma a suportar conclusões de análises prévias, como o *Doing Business* (Banco Mundial, 2008 e 2007) e o *Governance Matters* (Kaufmann et al., 2009, 2008, 2006, 2004 e 1999). Os dados em painel para os países incluídos no WBGES 2008 apontam para a existência de uma relação estatisticamente significativa entre a actividade empreendedora e os indicadores de desenvolvimento económico e financeiro, de qualidade da regulação, do ambiente legal e da governança (Klapper et al., 2008 e 2009; Klapper, 2006). A apreciação do Banco Mundial, no seguimento da publicação dos últimos resultados do WBGES 2008, vem reforçar conclusões anteriores sobre o papel desempenhado por um bom ambiente regulatório na actividade empreendedora, em particular para países em desenvolvimento e sobre a interdependência entre empreendedorismo, ambiente de negócios e governança.

O Eurostat (2009 e 2004) tem publicado dados e análises sobre a criação e a sobrevivência de empresas para os países da União Europeia, baseados essencialmente em informação das Estatísticas das Empresas (*Structural Business Statistics*). A OCDE tem também vindo a publicar, desde 2008, indicadores de empreendedorismo e sobrevivência de empresas, internacionalmente e regionalmente comparáveis (OCDE/Eurostat, 2008 e 2009), baseados na metodologia do “Manual of Business Demography Statistics” (Eurostat/OCDE, 2007).

Para além da divulgação de dados estatísticos, com um maior ou menor grau de harmonização, não abundam os estudos que comparem de uma forma exaustiva os fenómenos de empreendedorismo entre países. Existem no entanto, algumas análises comparadas de empreendedorismo que vindo a incluir Portugal e Espanha, mas nem sempre em simultâneo. Num estudo sobre as denominadas empresas de elevado crescimento (“high growth”), Hoffman e Junge (2006), comparam 17 países, entre os quais Portugal e Espanha, com base na base de dados ORBIS. Espanha é ainda incluída num estudo onde se comparam duas fontes de informação distintas, os dados do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) e o WBGES 2007 (Acs et al., 2008) e noutro sobre o impacto da globalização na entrada e saída de empresas no sector industrial, para um conjunto de oito países europeus (Colantone and Sleuwaegen, 2008).

Görg et al. (2000) comparam Portugal e a Irlanda no que diz respeito aos determinantes da dimensão da criação de empresas para o sector industrial. Portugal é ainda considerado noutros dois estudos, que incluem uma análise harmonizada de 10 e de 24 países da OCDE, respectivamente (Bartelsman et al., 2005 e 2004), onde se apresentam novas evidências sobre a demografia das empresas e a sua sobrevivência. Adicionalmente, Carree et al. (2002) relaciona o nível de desenvolvimento económico com a estrutura dimensional das empresas. Portugal é ainda considerado numa comparação com um conjunto de outros países, com base em factos estilizados sobre a dinâmica empresarial de pequenas e médias empresas, por Cabral (2007).

Relativamente à comparação entre fontes de informação, no estudo sobre sobrevivência de empresas em Espanha, que considera cerca de 90.000 empresas nascidas entre 1995 e 2002, López-Garcia e Puente (2006) tecem algumas considerações acerca da compatibilização de dados sobre as entradas e saídas de empresas da Base de Dados de Demografia de Empresas (BDDEE), com os dados agregados do Directório Central de Empresas (DIRCE) e entre os primeiros com os da “Encuesta sobre Estrategias Empresariales”, por dimensão de empresa, para o ano de 1999. Referente a Portugal, Sarmiento e Nunes (2010c) comparam as taxas de criação de empresas obtidas através dos Quadros de Pessoal e do WBGES 2008, para o período de 2000 a 2007. Em 2000 e 2001, é visível nos Quadros de Pessoal um nível elevado de criação de empresas em Portugal, também devido à reactivação de empresas já existentes, que passam a estar representadas nesta base de dados, quando é ultrapassado o limite de mais de um trabalhador remunerado.

Por fim, é de salientar os recentes desenvolvimentos relativos à harmonização de informação em Portugal, nomeadamente derivadas da consolidação do Sistema Integrado de Contas das Empresas (SCIE) e da introdução da Informação Empresarial Simplificada (IES), que têm vindo a contribuir para uma convergência crescente em termos de comparabilidade de resultados entre diferentes fontes de informação (Cordeiro, 2007). Estes desenvolvimentos têm acompanhado os esforços que a nível europeu têm sido empreendidos na produção de dados harmonizados sobre a demografia das empresas.

3. World Bank Entrepreneurship Survey 2008 (WBGES)

3.1. Metodologia

No seu terceiro ano de existência, o inquérito efectuado pelo Banco Mundial tem vindo a incorporar mais países, mais dimensões de análise e melhorias a nível da metodologia empregue. Dos cerca de 84 países na segunda edição, incluem-se agora no WBGES de 2008, dados para mais de 100 países, referentes ao total e a novas empresas formalmente registadas, para o período de 2000 a 2007. O WBGES tem vindo a incluir um número cada vez maior de empresas privadas em todos os sectores económicos, incluindo uma fracção significativa de novas e pequenas empresas. O WBGES de 2008 passou a incluir dados mais detalhados sobre o funcionamento e a estrutura dos registos notariais de 71 países, de onde se podem aferir várias relações entre a modernização dos processos de registo de empresas, com a actividade empresarial e a taxa de criação de empresas (Klapper et al., 2009).

O WBGES utiliza como fontes primárias os registos empresariais oficiais nacionais dos países considerados, que representam o primeiro passo para a entrada de novas empresas na economia formal. No caso da não existência ou não disponibilização desta informação¹, estes são substituídos ou complementados com dados fornecidos por instituições estatísticas, fiscais e laborais, bem como por agências privadas. O processo também envolve entrevistas telefónicas e troca de correspondência através de fax e e-mail. O inquérito² foi realizado inicialmente em 120 países, dos quais apenas se obteve resposta para 112. No entanto, apenas 101 países foram incluídos no ano de 2008 no WBGES (Banco Mundial, 2008). No caso de Portugal, o WBGES baseia-se em dados do Instituto de Registo e Notariado do Ministério da Justiça.

O problema central da recolha deste tipo de informação, prende-se com a heterogeneidade entre sistemas de registos administrativos de empresas em diferentes países, nomeadamente no que diz respeito a aspectos que se prendem com a existência de registos duplos, com regimes distintos de reporte de cessação de actividade e também com outros aspectos decorrentes da existência de sistemas económicos e graus de industrialização e desenvolvimento diferenciados.

Foi uma preocupação central do Banco Mundial, o desenvolvimento de uma metodologia que procedesse à harmonização da recolha deste tipo de informação para uma grande variedade de países. Foi essa a motivação que assistiu ao desenvolvimento de conceitos que pudessem ser aplicados uniformemente, num universo bastante diversificado e heterogéneo de países. Os conceitos relativos ao processo de criação de empresas, seguem o padrão estabelecido na literatura de referência do Banco Mundial relativo ao empreendedorismo. Seguindo essa tradição, decorrente da necessidade de harmonização e com o intuito de estabelecer uma base internacionalmente comparável, no âmbito do trabalho já desenvolvido, o conceito de empreendedorismo adoptado pelo Banco Mundial é o seguinte: empreendedorismo é a “actividade de um indivíduo ou um grupo de indivíduos, destinado a iniciar uma actividade comercial no sector formal, sob uma forma empresarial legal” (Klapper et al., 2008).

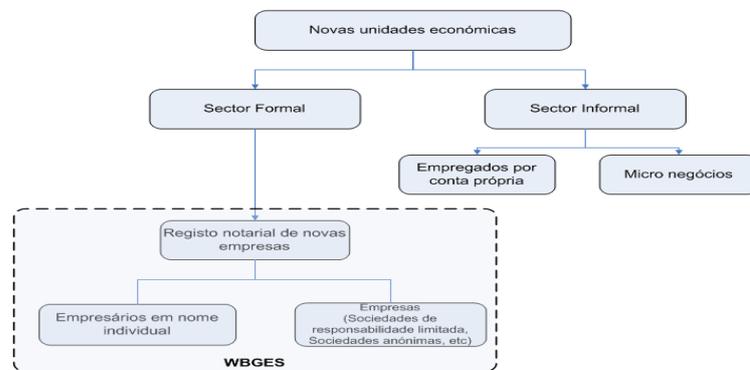
¹ No caso de alguns países, não foi recolhida a informação necessária, uma vez que não existiam registos em suporte digital.

² Este está disponível em http://siteresources.worldbank.org/INTFR/Resources/475459-1222364030476/Survey_Portuguese.pdf.

As actividades empreendedoras são em geral levadas a cabo sob a forma de uma “empresa”. Devido á ausência de um único conceito, aceite universalmente, sob o que se pode considerar efectivamente uma “empresa”, o Banco Mundial recorreu a um conceito que pode ser aplicado em diferentes enquadramentos jurídicos. Uma empresa é então considerada como “qualquer unidade económica pertencente ao sector formal da economia, com uma existência legal, registada no registo notarial oficial, capaz de exercer o seu pleno direito de incorrer em responsabilidades financeiras e de encetar actividades económicas e financeiras com outras entidades” (Klapper and Delgado, 2007).

A medição da actividade empreendedora no WBGES 2008 considera todas as sociedades, independentemente da sua dimensão, bem como todos os proprietários em nome individual que efectuem o registo de uma empresa (Figura 1).

Figura 1 - Universo de Empresas considerado pelo Banco Mundial no WBGES



Fonte: Elaboração própria, com base na metodologia referenciada pelo Banco Mundial.

O universo de empresas considerado pertence ao sector formal da economia dos diferentes países. Este factor apresenta vantagens não só de homogeneidade de universos, como de maior comparabilidade entre países, uma vez que esta representa uma parte substancial da economia, que é regulada por sistema económico e político e jurídico identificável (patente no acesso a um conjunto de serviços, como o acesso ao crédito a partir de instituições bancárias e à capacidade de providenciar contratos formais de trabalho e benefícios sociais como a segurança social e o acesso a mercados mais diversificados, como o mercado externo), estando também mais salvaguardado de factores externos, como a corrupção (Klapper et al., 2008).

Apesar dos esforços de uniformização e de minimização das disparidades de dados entre países, certas limitações impedem logo á partida uma análise sistemática dos fenómenos de desenvolvimento empresarial. Alguns países foram excluídos, não porque não recolham informação sobre a criação de empresas, mas porque não dispõem das ferramentas ou dos recursos para processarem os dados, ou porque estes se encontram dispersos entre várias entidades, ou porque simplesmente não existem em formato digital. Adicionalmente, apesar de juridicamente activas, nem todas as empresas registadas se encontram economicamente activas, o que introduz um erro sistemático no tratamento e análise dos dados.

Os países mais industrializados podem apresentar um reporte que sobrevaloriza o número total de empresas registadas, pois estas incluem empresas “fantasma” e outras empresas inactivas, criadas com o propósito de evasão fiscal e de exploração de oportunidades em paraísos fiscais (Klapper et al., 2008).

Por outro lado, os países em desenvolvimento apresentam outras especificidades. É natural que haja uma subestimação das empresas encerradas, devido a dificuldades acrescidas no que diz respeito ao reporte do encerramento de empresas, o que origina um sobredimensionamento da população de empresas registadas, relativamente a países de maior rendimento.

Adicionalmente, os dados do Banco Mundial também apresentam informação sobre o funcionamento dos registos notariais e sobre a distribuição das empresas e das novas empresas criadas por sector de actividade.

3.2. Indicadores Utilizados no WBGES 2008

Compreender a definição de entradas e saídas e a forma de cálculo das taxas de criação de empresas é fundamental para uma correcta análise da evidência empírica (Robison et al., 2006). A definição de entrada e saída de empresas³ varia com um grande número de factores, incluindo o período de referência do fenómeno, o grau de abertura e a estrutura de custos de cada sector económico e o modo específico de operacionalização das entradas e saídas a nível jurídico e fiscal. A maioria da literatura teórica assume como pressuposto da criação de empresas as denominadas *start-ups*, mas este é um conceito simplificado, pois o modo de entrada de uma empresa num mercado está em larga medida condicionado pelas condições aí existentes. Estes aspectos devem ser tidos em conta quando se efectuam comparações entre países no que diz respeito à criação de empresas.

Para a análise dos dados do WBGES 2008, o Banco Mundial propõe cinco indicadores e definições, que permitem efectuar comparações entre diferentes países, independentemente do seu grau de desenvolvimento industrial, cada um ilustrando uma dimensão própria de empreendedorismo:

Total de empresas: número de empresas que se encontram registadas, em cada país, no final do ano.

Novas empresas: número de novas empresas registadas durante o ano.

Densidade empresarial: proporção do total de empresas registadas (aquelas existentes no início do ano) no total da população activa entre os 18 e os 65 anos (rácio das empresas registadas sobre a população activa em milhares de habitantes).

Densidade empresarial de novas empresas: proporção do número de novas empresas registadas no total da população activa entre os 18 e os 65 anos (rácio de novas empresas/população activa em milhares de habitantes). É uma medida também utilizada para calcular o número de novas empresas registadas per capita.

Taxa de entrada de novas empresas: proporção de novas empresas registadas no total de empresas registadas (rácio de novas empresas/total de empresas). É utilizada para medir o número de novas empresas face ao número total de empresas.

³ Os métodos mais habituais de medição das entradas e saídas de empresas e de volatilidade de alternância no mercado são descritos por Ahn (2001) na revisão da evidência empírica elaborada para a OCDE.

4. Análise Comparativa Entre Portugal e Espanha

Em geral, a interpretação de resultados referentes à comparação entre taxas de criação e encerramento de empresas entre países deve ser efectuada cautelosamente, porque a cobertura e as definições de *start-ups* e encerramentos divergem entre países, podendo estar na origem das diferenças observadas. Também é possível que diferentes níveis de turbulência de empresas se devam a mais diferenças de medição do que a diferenças efectivas quanto à dinâmica empresarial (Robinson et al. 2006).

Os dados do WBGES referentes a Portugal e Espanha apresentam algum grau de harmonização, na medida em que reportam a data do registo oficial da empresa em países com enquadramentos institucionais comuns. A Tabela 1 apresenta o número total de unidades económicas apenas para Portugal (dado não existirem dados para Espanha no WBGES 2008) e o número total de “empresas” e de novas “empresas” para os dois países. Serão estes dois últimos, os considerados neste estudo.

Tabela 1 – Número total de unidades económicas e de empresas do WBGES 2008

	Portugal						Espanha		
	Nº total de unidades económicas		Total de "empresas"		Novas "empresas"		Total de "empresas"	Novas "empresas"	
	Nº	Tx crescimento (%)	Nº	% do total de unidades económicas	Nº	% do total de unidades económicas	Nº	Nº	% do total de unidades económicas
2000	1.089.697		267.192	25	18.748	7	1.481.848	115.870	8
2001	1.110.490	1,9	308.681	27,8	41.648	13,5	1.606.066	111.648	7,0
2002	1.085.004	-2,3	312.000	28,8	20.143	6,5	1.724.992	118.021	6,8
2003	1.103.198	1,7	347.683	31,5	20.984	6,0	1.851.350	123.612	6,7
2004	1.221.555	10,7	363.412	29,7	24.774	6,8	1.985.360	132.178	6,7
2005	1.190.032	-2,6	404.224	34,0	25.779	6,4	2.126.949	138.333	6,5
2006	1.132.364	-4,8	416.369	36,8	28.284	6,8	2.286.543	148.648	6,5
2007	1.101.979	-2,7	423.719	38,5	30.934	7,3	2.435.689	145.593	6,0

Fonte: Cálculos próprios com base nos dados disponíveis no *World Bank Entrepreneurship Survey* (WBGES) do Banco Mundial.

Nota: Não existem dados para o total de unidades económicas para Espanha, no WBGES 2008.

De seguida, são apresentados os valores para o total e para as novas entidades registadas nos dois países ibéricos, Portugal e Espanha, bem como para o grupo de países que constituem a União Europeia (UE) e a OCDE (Tabela 2).

Em 2007, foram registadas 30.934 novas empresas em Portugal e 145.593 em Espanha, sendo a média da UE de 62.894 e a da OCDE de 82.111 novas empresas. Em Portugal, durante o período de 2000 a 2007, verificou-se um aumento gradual do número total de empresas registadas (267.192 em 2000 e 423.719 em 2007), que correspondem a uma taxa de crescimento médio anual de 6,8% para o total de empresas e de 7,4% para o registo de novas empresas (Tabela 3). Espanha registou uma taxa de crescimento médio anual superior para o total de empresas (7,4%), correspondendo a um aumento de 953.841 registos de empresas, mas inferior no que diz respeito ao registo de novas empresas (3,3%). Portugal e Espanha apresentam ambos valores de crescimento anual médio de empresas registadas superiores à UE e à OCDE (Tabela 3). No entanto, se for considerado o período 2000 a 2006, Portugal apresenta as mais elevadas taxas de crescimento médio de registo de empresas (7,7%) e de registo de novas empresas (7,1%).

Tabela 2 - Indicadores de empreendedorismo para Portugal, Espanha, UE e OCDE

País	Ano	Total de Empresas Registadas		Novas Empresas Registadas		Densidade Empresarial	Densidade Empresarial Novas Empresas Registadas	Tx. de Criação de Novas Empresas
			Taxa de Crescimento		Taxa de Crescimento			
Unidade		Milhares	%	Milhares	%	Nº Empresas / mil trabalhadores	Nº Novas Empresas / mil trabalhadores	%
Portugal	2000	267,2		18,7		38,6	2,7	7,0
	2001	308,7	15,5	41,6	122,1	44,5	6,0	13,5
	2002	312,0	1,1	20,1	-51,6	44,9	2,9	6,5
	2003	347,7	11,4	21,0	4,2	49,9	3,0	6,0
	2004	363,4	4,5	24,8	18,1	52,0	3,5	6,8
	2005	404,2	11,2	25,8	4,1	57,7	3,7	6,4
	2006	416,4	3,0	28,3	9,7	59,2	4,0	6,8
	2007	423,7	1,8	30,9	9,4	60,1	4,4	7,3
Espanha	2000	1481,8		115,9		54,2	4,2	7,8
	2001	1606,1	8,4	111,6	-3,6	58,8	4,1	7,0
	2002	1725,0	7,4	118,0	5,7	63,1	4,3	6,8
	2003	1851,4	7,3	123,6	4,7	67,7	4,5	6,7
	2004	1985,4	7,2	132,2	6,9	72,5	4,8	6,7
	2005	2126,9	7,1	138,3	4,7	77,5	5,0	6,5
	2006	2286,5	7,5	148,6	7,5	83,4	5,4	6,5
	2007	2435,7	6,5	145,6	-2,1	88,8	5,3	6,0
União Europeia	2000	418,6		38,5		30,8	2,9	8,5
	2001	364,4	-13,0	34,6	-10,3	33,5	3,2	8,3
	2002	393,9	8,1	37,3	7,9	35,3	3,1	8,5
	2003	414,4	5,2	41,0	9,8	36,5	3,2	8,7
	2004	441,3	6,5	47,2	15,2	38,5	3,8	9,4
	2005	487,0	10,3	48,5	2,7	41,9	4,2	9,6
	2006	524,5	7,7	52,6	8,6	40,0	4,3	10,1
	2007	571,3	8,9	62,9	19,5	45,4	5,4	11,4
OCDE	2000	508,2		49,0		34,5	4,2	9,9
	2001	440,9	-13,25	43,7	-10,93	39,0	4,5	9,6
	2002	567,9	28,80	46,9	7,36	41,4	4,4	9,2
	2003	750,0	32,07	71,9	53,37	42,7	4,4	8,9
	2004	780,1	4,01	80,9	12,47	44,7	5,0	9,9
	2005	957,0	22,68	92,2	14,05	48,8	5,3	9,8
	2006	622,1	-35,00	68,5	-25,76	49,6	6,0	10,5
	2007	728,4	17,09	82,1	19,90	57,5	7,5	11,1

Fonte: Cálculos próprios com base nos dados disponíveis no *World Bank Entrepreneurship Survey* (WBGES) do Banco Mundial.

Nota: Consideram-se valores médios para a OCDE e UE. A OCDE é formada por 29 países, com exceção da Coreia do Sul. A União Europeia inclui 26 países, excluindo a Estónia. Nem sempre existe informação por país para todos os anos.

Tabela 3 - Taxas de crescimento médio do total de empresas e das novas empresas registadas, 2000-2007

	Total de Empresas Registadas	Novas Empresas Registadas
Portugal	6,8	7,4
Espanha	7,4	3,3
União Europeia	4,5	7,2
OCDE	5,3	7,4

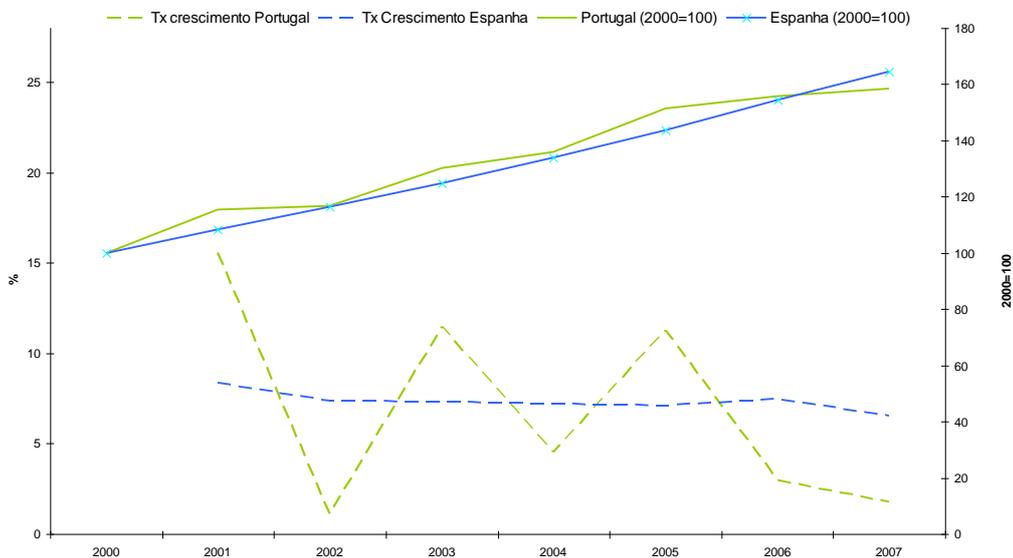
Fonte: Cálculos próprios com base nos dados disponíveis no *World Bank Entrepreneurship Survey* (WBGES) do Banco Mundial.

Em Portugal, o crescimento anual mais significativo, registou-se de 2000 para 2001, com uma taxa de crescimento de 15,5%, para o total de empresas e de 122,1% para as novas empresas, seguindo-se uma desaceleração em 2002 (1,1% para o total e de -51,6% para as novas empresas registadas), a mais significativa no período. Por outro lado, a introdução da Empresa na Hora em 2005, não terá sido responsável por um acréscimo significativo no registo de empresas (Figura 3 e Tabela 2).

Em Espanha, a evolução das taxas de crescimento apresentam uma maior estabilidade, sendo o ano de 2001 o que apresenta taxas de registo de empresas mais elevado no período (8,4%).

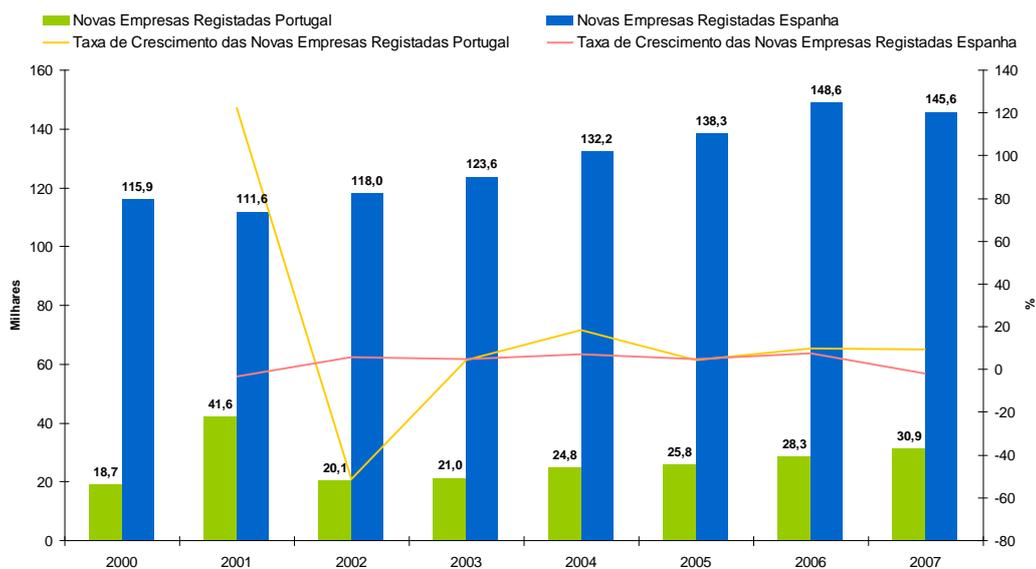
Portugal apresenta maior instabilidade nas taxas de crescimento do total de empresas registadas (Figura 2). Esta instabilidade está igualmente patente noutras fontes de informação, nomeadamente nos Quadros de Pessoal (GEE, 2010; Sarmento e Nunes, 2010b e 2010c).

Figura 2 – Taxa de crescimento do total de empresas registadas



Fonte: Cálculos próprios com base nos dados disponíveis no *World Bank Entrepreneurship Survey (WBGES)* do Banco Mundial. A evolução do registo de novas empresas apresenta comportamentos distintos nos dois países, particularmente no período compreendido entre 2000 e 2002. Em 2001, é visível uma diminuição da criação de novas empresas em Espanha, mas um aumento substancial em Portugal (Figura 3).

Figura 3 – Registo de novas empresas

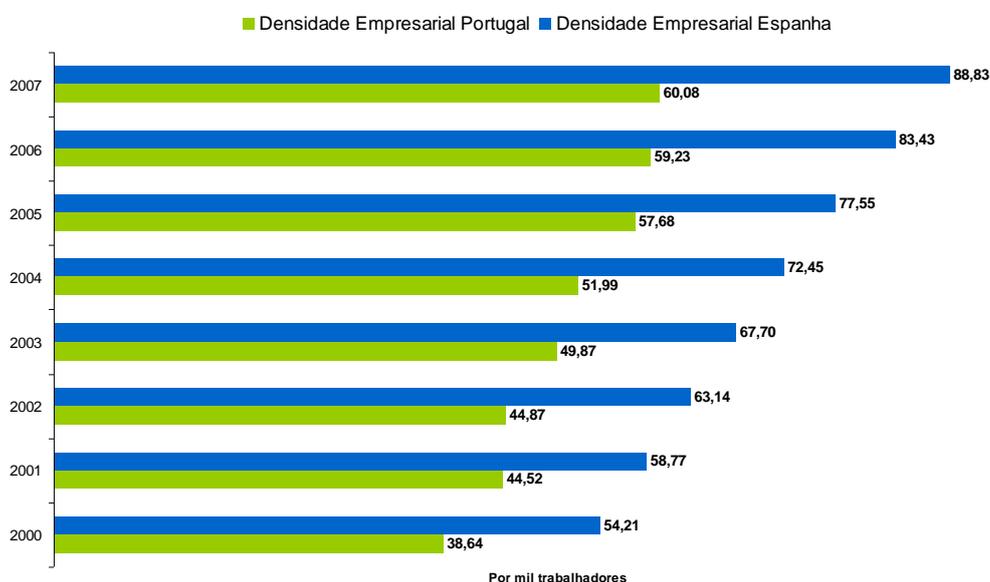


Fonte: Cálculos próprios com base nos dados disponíveis no *World Bank Entrepreneurship Survey (WBGES)* do Banco Mundial.

Uma medida alternativa da taxa de criação de empresas é a densidade empresarial. Este indicador relativo, permite comparar mais facilmente países de diferentes dimensões populacionais. As densidades empresariais medidas para a totalidade de empresas (Figura 4) e para as novas empresas registadas (Figura 5), em relação ao total da população activa, apontam para um aumento da densidade, de 2000 para 2007 para os dois países, reflectindo o que já tinha sido revelado através da análise dos valores absolutos.

A densidade empresarial em Espanha é elevada e superior à de Portugal, sendo visível um diferencial crescente ao longo do tempo. Em 2007, Portugal registou uma densidade empresarial de 60,1 empresas por mil indivíduos activos (38,6 em 2000) e Espanha 88,8 empresas por mil indivíduos activos (54,2 em 2000). Em 2007, foram criadas em Portugal 4,4 novas empresas por mil habitantes, valor inferior ao ocorrido em Espanha (5,3) e à da média dos países da UE (5,4) e da OCDE (7,5 por mil habitantes). Espanha era já apontada em 2001 pelo Eurostat (2004) como um dos dois países com maior densidade empresarial.

Figura 4 - Densidade empresarial (total)



Fonte: World Bank Entrepreneurship Survey (WBGES) do Banco Mundial.

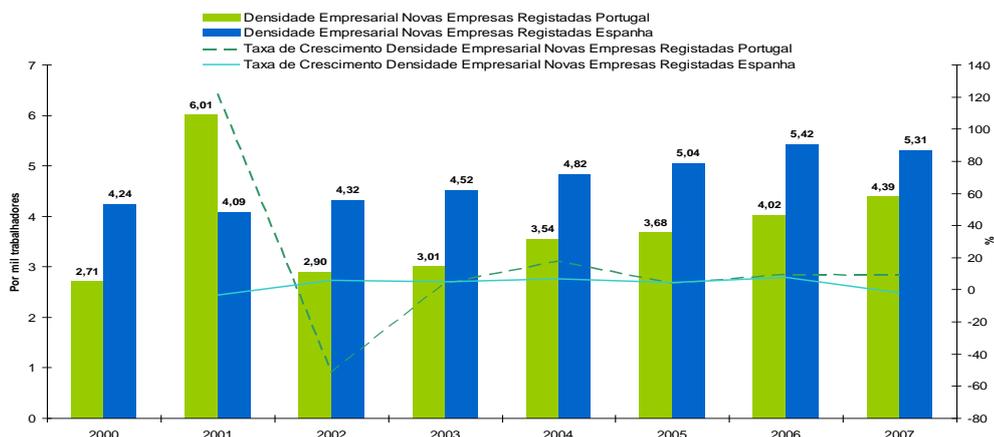
A densidade empresarial representa a proporção do total de empresas registadas, no total da população activa entre os 18 e os 65 anos.

Observando os valores da densidade empresarial de novas empresas, ou seja, a proporção de novas empresas registadas no total de indivíduos em idade activa em cada ano nos dois países, verifica-se, mais uma vez, que os valores registados em Portugal foram menos estáveis que os registados em Espanha (Figura 5). Em 2000, a densidade registada em Espanha é de 4,2 novas empresas por mil indivíduos activos e em Portugal aproxima-se dos 2,7. Em 2001, verificou-se um aumento súbito na densidade empresarial portuguesa, ultrapassando os valores espanhóis (6,01 em Portugal e 4,09 em Espanha). Esta situação reverteu-se nos anos seguintes, continuando Espanha a apresentar uma densidade de novas empresas superior à de Portugal.

De seguida, analisa-se a taxa de criação de novas empresas, sendo que são estas as que alimentam e regeneram a população de empresas. Há evidências diversas na literatura de que a criação de empresas está associada a um número importante de contribuições para a economia, nomeadamente através da criação líquida de postos de trabalho, do contributo para o valor acrescentado e também indirectamente para

a produtividade e para o aumento da capacidade de inovação de uma economia (Audretsch, 1995). Portugal e Espanha verificam taxas de criação de empresas inferiores à média da UE ao longo de todo o período (com excepção de Portugal em 2001). A taxa de criação de empresas é sempre ligeiramente superior em Espanha, com excepção dos anos de 2001, 2006 e 2007 (Figura 6).

Figura 5 - Densidade empresarial referente ao registo de novas empresas

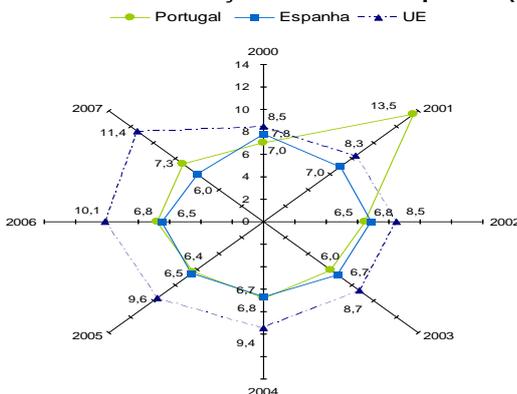


Fonte: Cálculos próprios com base nos dados disponíveis no World Bank Entrepreneurship Survey (WBGES) do Banco Mundial.

Nota: A densidade empresarial de novas empresas representa a proporção do número de novas empresas registadas no total da população activa entre os 18 e os 65 anos.

Na Figura 6 é possível verificar que em Portugal, a taxa de criação de novas empresas quase duplica de 2000 para 2001, o mesmo não acontecendo nem em Espanha, nem na média da União Europeia, assistindo-se a uma diminuição para quase metade do seu valor no ano seguinte. Em Portugal, após 2001, este indicador registou valores relativamente constantes⁴, na ordem dos 6% a 7% (sendo a média no período de 7%). O projecto “Empresa na Hora”, que teve início em 2005, não teve um impacto substancial a nível da taxa de criação de novas empresas, considerando a evolução ao longo deste período.

Figura 6 - Taxa de Criação de Novas Empresas (%)



Fonte: World Bank Entrepreneurship Survey (WBGES) do Banco Mundial.

Nota: A taxa de entrada de novas empresas é a proporção de novas empresas no total de empresas registadas.

⁴ Quando comparada a taxa de entrada de novas empresas dos dados do Banco Mundial relativamente à taxa de criação de empresas desfasada, com um lag de um ano face ao número total de empresas no ano anterior, a evolução é relativamente idêntica.

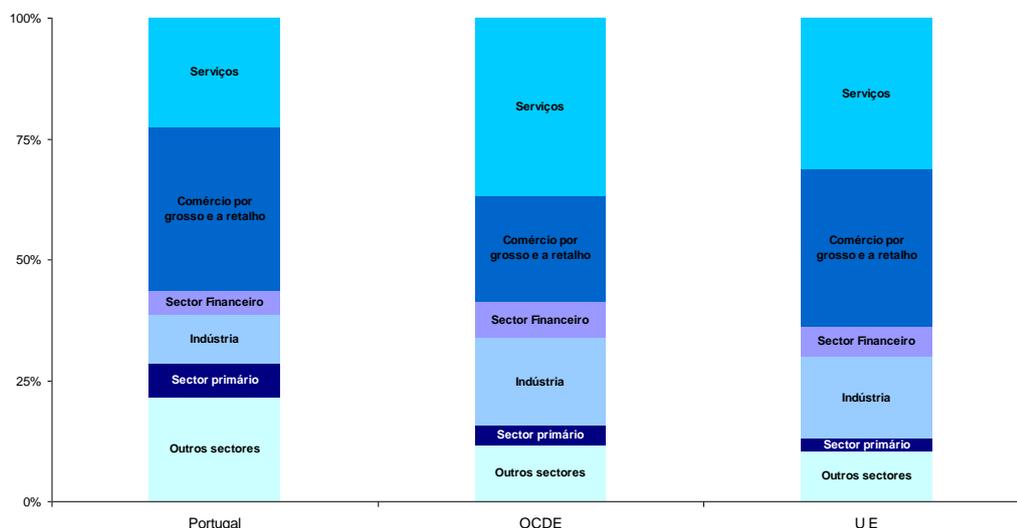
4.1. Comparação Sectorial

As diferenças das taxas de criação de empresas variam geralmente mais entre sectores do que entre países (Eurostat, 2004). Torna-se portanto relevante proceder-se a uma análise mais desagregada de forma a clarificar os contornos sectoriais do registo de empresas. A comparação a nível sectorial é apenas feita para Portugal relativamente aos países da União Europeia e da OCDE para os quais é disponibilizada informação, dado não existirem dados desagregados sectorialmente para Espanha no WBGES 2008 (Figuras 7 e 8).

No total de empresas registadas, prevalece o registo no sector do comércio (34% do total de empresas em 2002 e 2004 e 32% em 2006), seguindo-se o sector dos serviços (21% em 2002, 23% em 2004 e 24% em 2006), os “Outros Sectors” (21% em 2006), a Indústria (10% em 2006), o “Sector Financeiro” (6% em 2006) e finalmente o sector primário (com 7% em 2006). Os novos registos de empresas no sector (restrito) dos serviços apresentam um peso no total relativamente maior em 2006 (35% face a 31% em 2002), enquanto que o comércio evidencia uma diminuição do seu peso ao longo do período (27% em 2006), acompanhado pela rubrica “Outros Sectors” (17% em 2006 face a 23% em 2002).

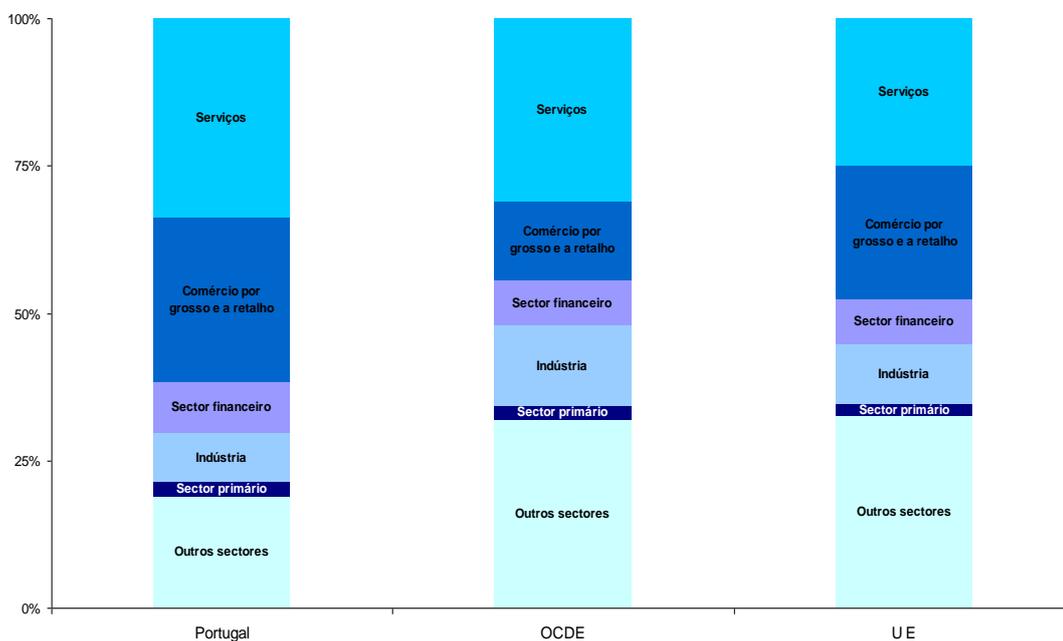
Portugal apresenta um número relativamente maior de registos de novas empresas no sector dos serviços e no comércio por grosso e a retalho que a média dos países da UE⁵ e da OCDE considerados, onde está portanto patente a influência crescente dos serviços na economia portuguesa (Sarmiento e Nunes, 2010a, 2010b e 2010c) também ao nível do registo de empresas.

Figura 7 - Total de entidades registadas por Sector, média de 3 anos (2002, 2004 e 2006)



⁵ O sector dos serviços tem vindo progressivamente a dominar a economia de diversos países. Já em 2001, se encontravam no sector dos serviços, quase três quartos das empresas activas na União Europeia (Eurostat, 2004).

Figura 8 - Registo de novas entidades por Sector, média 3 anos (2002, 2004 e 2006)



Fontes: *World Bank Entrepreneurship Survey (WBGES)* do Banco Mundial.

Notas: Não existe informação sectorial para Espanha. União Europeia constituída apenas por Portugal, Polónia, Eslováquia, Itália, Grécia (Atenas), Hungria, Finlândia, Estónia e República Checa. OCDE representada apenas por Portugal, Suíça, Itália, Grécia (Atenas), Finlândia e Canadá. Consideram-se valores médios para a UE e para a OCDE.

5. Comparações Internacionais

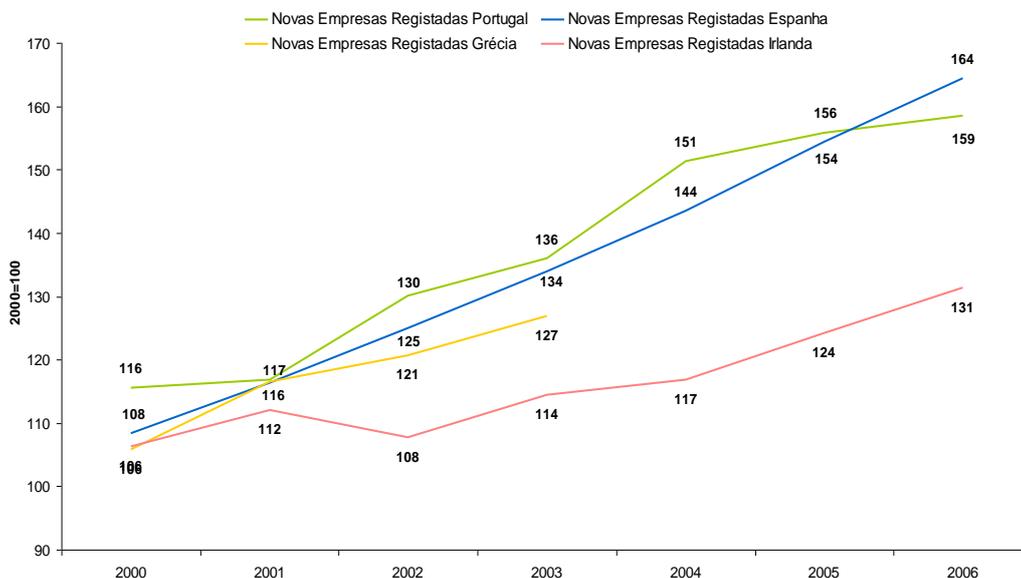
5.1. Comparações entre Portugal, Espanha, Grécia e Irlanda

Nesta secção, compara-se a evolução de Portugal e Espanha, com os restantes países beneficiários no passado do Fundo de Coesão europeu, na procura de padrões de evolução comuns. Espanha é, naturalmente o país com o maior número de empresas registadas, sendo seguida por Portugal e pela Irlanda. Tomando o ano 2000 com base, a Irlanda apresenta um padrão de crescimento de registo de empresas inferior a todos os países, com excepção da Grécia, enquanto que Portugal apresenta o maior ritmo de crescimento, o qual abranda em 2006 (Figura 9 e Tabela 4).

Em relação ao número de novas empresas registadas anualmente, Espanha regista naturalmente os valores mais elevados. Em 2007, foram registadas 145.593 novas empresas em Espanha, 30.934 em Portugal e 18.704 na Irlanda⁶.

⁶ Não foi feita a comparação em termos absolutos para a Grécia por não se encontrarem disponíveis dados a partir de 2004.

Figura 9 - Total de Empresas Registadas, Portugal, Espanha, Grécia e Irlanda (2000=100)



Fonte: Cálculos próprios com base nos dados disponíveis no *World Bank Entrepreneurship Survey (WBGES 2008)* do Banco Mundial. Nota: A Grécia apenas apresenta valores entre 2000 e 2003.

A taxa de crescimento médio para o total de empresas registadas de 2000 a 2007, em Espanha (7,4%) e Portugal (6,8%), são superiores à da Irlanda (4%). No que diz respeito à taxa de crescimento médio de registo de novas empresas, Portugal continua a apresentar os valores mais expressivos (Tabela 4).

Tabela 4 - Taxas de Crescimento médio para o total e para as novas empresas registadas, 2000-2007

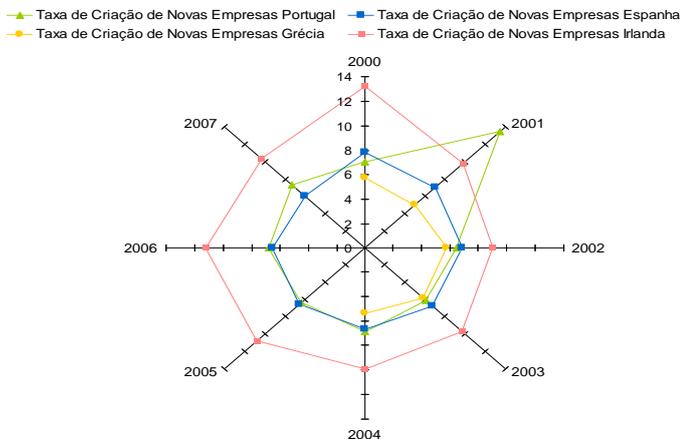
	Total de Empresas Registadas	Novas Empresas Registadas
Portugal	6,8	7,4
Espanha	7,4	3,3
Irlanda	4,0	0,4

Fonte: Cálculos próprios com base nos dados disponíveis no *World Bank Entrepreneurship Survey (WBGES 2008)* do Banco Mundial.

Nota: Não são disponibilizados os dados para a Grécia a partir de 2003.

Por último, é observada a taxa de registo de empresas em cada um destes quatro países (Figura 10). Verifica-se que a Irlanda apresenta um maior dinamismo na taxa de registo de novas empresas, acima dos 10%, embora se tenha observado em Portugal um aumento substancial em 2001, sem paralelo em qualquer dos restantes três países, apontando para um fenómeno com causas específicas em Portugal.

Figura 10 - Taxa de Criação de Novas Empresas (%)



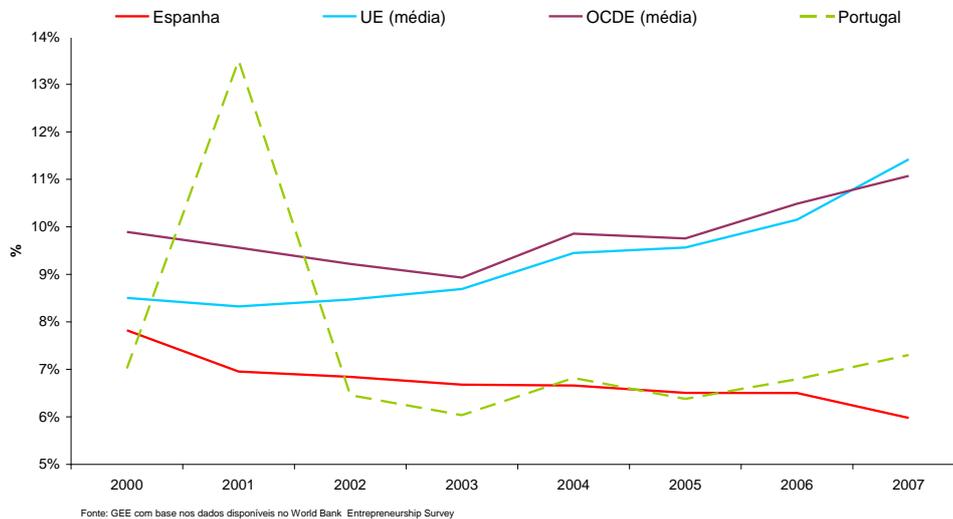
Fonte: *World Bank Entrepreneurship Survey (WBGES 2008)* do Banco Mundial.

5.2. Comparações Adicionais com a União Europeia e a OCDE

O acréscimo de empresas registadas no ano de 2001 representa um fenómeno isolado e específico para Portugal. A comparação com ex-países do Fundo de Coesão, como a Irlanda e a Grécia, torna-se evidente a maior instabilidade apresentada pela taxa de criação de empresas em Portugal ao longo do período, e o “pico” de criação de empresas em 2001, superior quer à média quer da UE e da OCDE (Figura 11), quer dos registos de empresas espanhóis, gregos e italianos (Figura 10).

O terceiro Quadro Comunitário (QCA III) entrou em operação em 2000, embora com atrasos significativos. Uma análise feita para a criação de empresas empregadoras com pelo menos um trabalhador remunerado, com base nos Quadros de Pessoal (Sarmiento e Nunes, 2010b e 2010c), revela que em 2000, foram criadas e reactivadas um grande número de empresas. De acordo com a informação dos Quadros de Pessoal, o ano de 2000 representa um dos três “picos” na criação de empresas entre 1985 e 2007. Embora não disponhamos de informação relativa a 1999 no WBGES, torna-se patente o acréscimo de registos de empresas de 2000 para 2001. Avançamos com a hipótese de que empresas que não apareciam nos Quadros de Pessoal, pois estavam abaixo do limiar de um trabalhador remunerado, de acordo com a metodologia aplicada do Eurostat/OCDE (2007), foram imediatamente reactivadas em 2000, após o anúncio da entrada em funcionamento do QCA III. Posteriormente, em 2001, foram criadas novas empresas, sendo consequentemente registadas no WBGES e sendo também detectadas nos registos dos Quadros de Pessoal (GEE, 2010; Sarmiento e Nunes, 2010c).

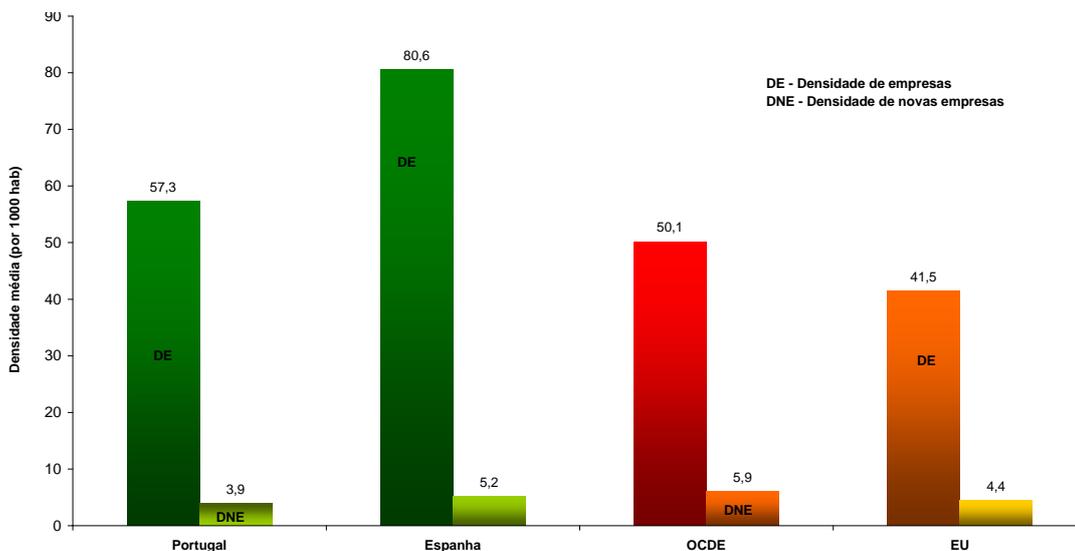
Figura 11 – Taxas de criação de empresas em Portugal, Espanha, União Europeia e OCDE, 2000-2007



Fonte: World Bank Entrepreneurship Survey (WBGES 2008) do Banco Mundial.

De acordo com os dados do WBGES, Portugal e Espanha revelam no entanto uma densidade média de empresas considerável e superior às médias da UE e da OCDE (Figura 12), com Espanha a apresentar valores substancialmente mais elevados que Portugal (80,6 empresas por 1000 habitantes). Espanha apresenta ainda uma densidade substancial de novas empresas, superior à média quer da UE, quer de Portugal.

Figura 12 – Densidade média para o total e para novas empresas, 2004 a 2007



Fonte: World Bank Entrepreneurship Survey (WBGES 2008) do Banco Mundial.

6. Comparação com outras fontes de informação

Uma comparação com outras fontes de informação, para o mesmo indicador de criação de empresas, traduz valores e evoluções diferentes dos obtidos através do WBGES 2008. Em Espanha, os dados do Directório Central de Empresas (DIRCE) apresentam as taxas de criação de empresas mais elevadas, quando comparadas com as do Eurostat, com as do *Structural Demographic Statistics* (SDBS) da OCDE e também com os dados do WBGES 2008 (Tabela 5). À semelhança de Espanha, também Portugal regista taxas de criação de empresas, calculadas a partir do WBGES 2008, bastante inferiores às das restantes fontes de informação. Naturalmente, isto deve-se à existência de um maior número de empresas registadas do que o número de empresas economicamente activas, considerada no denominador do rácio da criação de empresas dos cálculos dos indicadores baseados no WBGES. Integrando todas estas fontes de informação (Tabela 5), é possível verificar que efectivamente Portugal apresenta taxas de criação de empresas superiores às espanholas.

Tabela 5 – Taxas de criação de empresas em Espanha e Portugal, de acordo com diferentes fontes de informação

	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Espanha													
DIRCE			13,5	13,3	13,0	12,1	12,2	12,4	12,2	13,1	12,8	12,0	10,0
Eurostat		9,7	9,6	9,7	9,1	9,3	9,8	9,7	10,4	10,4			
SDBS (OCDE)									12,3	11,8			
WBGES 2008				7,8	7,0	6,8	6,7	6,7	6,5	6,5	6,0		
Portugal													
Quadros de Pessoal (Eurostat/OCDE, 2007)	16,4	16,4	15,9	19,5	19,1	18,2	13,5	12,7	16,1	12,8	12,6		
Empresas em Portugal (SCIE, INE)									14,3	15,7	15,2		
Eurostat		9,5	8,0		7,5	6,0		13,7	13,3	14,2			
SDBS (OCDE)									14,7	16,1	15,5		
WBGES 2008				7,0	13,5	6,5	6,0	6,8	6,4	6,8	7,3		

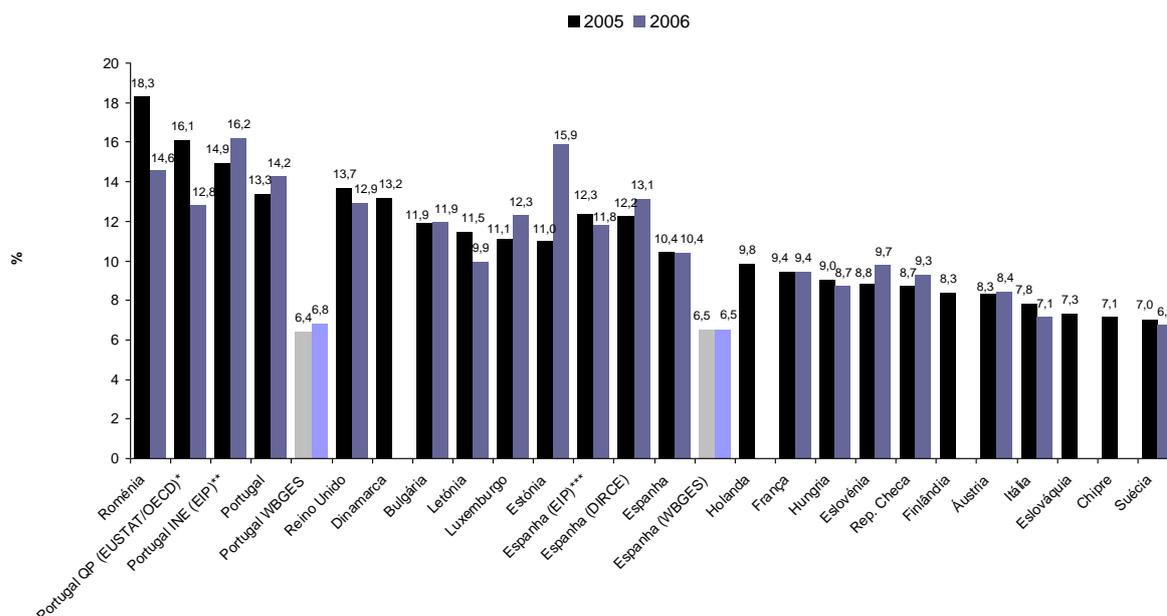
Fontes: Para Espanha: Directório Central de Empresas (DIRCE) do Instituto Nacional de Estatística de Espanha, *Structural Business Statistics* do Eurostat, *Structural Demographic Statistics* (SDBS) da OCDE e WBGES 2008. Para Portugal: Quadros de Pessoal de acordo com a metodologia do Eurostat e da OCDE (2007), dados do INE do Sistema Integrado de Contas patentes na publicação "Empresas em Portugal", *Structural Business Statistics* do Eurostat, WBGES do Banco Mundial e *Structural Demographic Statistics* (SDBS) da OCDE.

O *ranking* de comparação com outros países, utilizando o mesmo indicador de criação de empresas, apresenta também resultados diferenciados consoante a fonte de informação utilizada. As estatísticas estruturais do Eurostat (*Structural Business Statistics*, 2009) mostram que em 2005, Portugal possuía a segunda maior taxa de criação de empresas dos países da UE considerados (Figura 13). Este *ranking* não se altera se considerarmos fontes de informação alternativas, nomeadamente a taxa de criação de empresas obtida a partir dos Quadros de Pessoal (Sarmiento e Nunes, 2010c) ou das do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2009), calculada para empresas que empregam mais que um trabalhador. Em 2006, de entre um painel de 16 países, Portugal aparece em terceiro lugar, depois da Estónia e da Roménia (INE, 2009) e estaria posicionado em segundo lugar de acordo com as outras duas fontes de informação mencionadas anteriormente.

Espanha encontra-se em nono lugar em 2005, ainda que fossem utilizados os dados do DIRCE, que considera empresas economicamente activas.

Se apenas os dados da WBGES fossem utilizados, considerando o universo de empresas legalmente activas, verificar-se-ia que o posicionamento relativo entre estes países seria alterado, nomeadamente com Espanha a apresentar uma taxa de criação de empresas superior à de Portugal em 2005.

Figura 13 – Taxa de criação de empresas, de acordo com os dados estruturais do Eurostat (*Business Demography Statistics*) para os países da UE, para Portugal ainda segundo o WBGES, INE segundo o EIP (metodologia do Eurostat/OCDE, 2007) e Quadros de Pessoal (Eurostat/OCDE, 2007) e para Espanha ainda segundo o WBGES, EIP e DIRCE



Fontes: Eurostat (dados preliminares para o ano de 2005 para a Bulgária, Roménia, Portugal e Eslovénia). Adicionalmente para Portugal: INE, cálculos próprios com base nos Quadros de Pessoal GEP, MTSS e WBGES 2008. Adicionalmente para Espanha: DIRCE do Instituto Nacional de Estatística Espanhol, SDBS *Business Demography Indicators* da OECD (EIP) e WBGES 2008.

Notas:

* Empresas empregadoras com mais de um trabalhador remunerado, de acordo com a metodologia do Eurostat/OCDE, baseado nos Quadros de Pessoal.

** INE, para empresas com mais de um trabalhador remunerado (“employer enterprises”), metodologia idêntica aos dados SDBS da OCDE.

*** Indicadores demográficos para empresas com mais de um trabalhador remunerado (SDBS *Business Demography Indicators*), OECD.

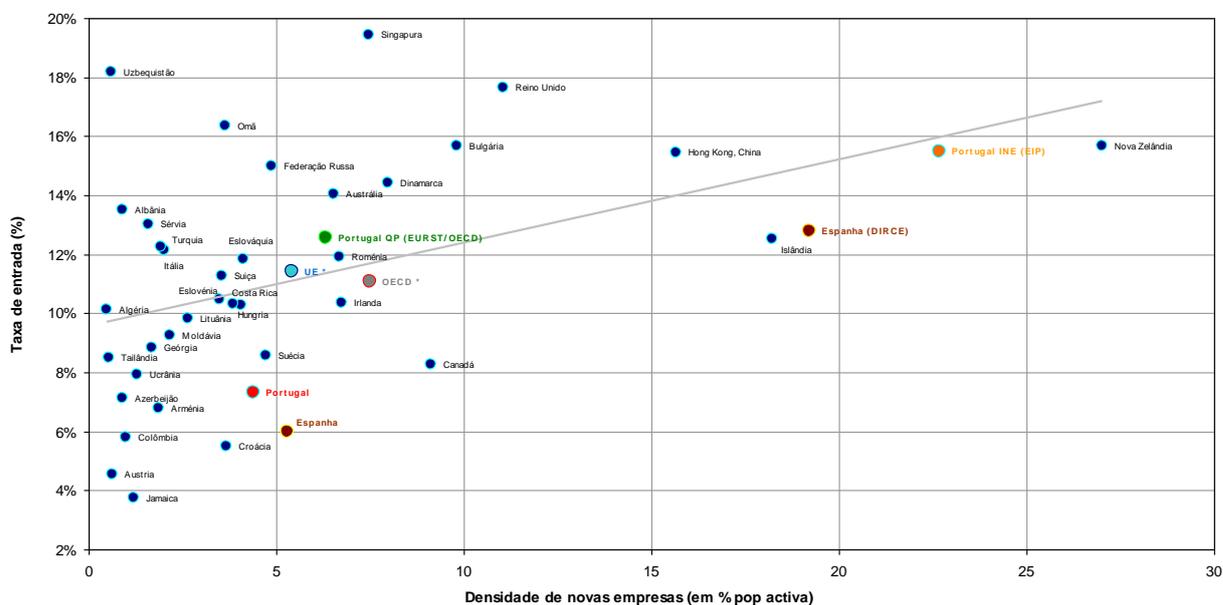
As correlações para 2007, entre a taxa de registo de empresas e a densidade de novas empresas (Figura 14) e entre a primeira e a densidade de empresas (Figura 15) são positivas e estatisticamente significativas. Seria portanto de esperar que um país que apresentasse uma elevada taxa de criação de empresas possuísse uma elevada densidade de novas empresas.

Se considerarmos o *ranking* internacional de Portugal, de acordo com as taxas de registo de empresas do WBGES 2008, observamos que está posicionado em 32º lugar entre 39 países em 2007 e em 41º entre 53 em 2006. Este posicionamento relativo não está de acordo com o obtido se fossem consideradas outras fontes de informação, onde estão representadas apenas as empresas economicamente activas, o mesmo acontecendo para Espanha

Por outro lado, na figura seguinte, de acordo com a recta de tendência, Portugal detém maior taxa de criação de empresas (WBGES) que Espanha. As correlações para 2007, entre a taxa de registo de empresas e a

densidade de novas empresas e entre a primeira e a densidade de empresas (Figura 15) são positivas e estatisticamente significativas. Seria portanto de esperar que um país que apresentasse uma maior taxa de criação de empresas possuísse também uma maior densidade de novas empresas. Assim sendo, esperar-se-ia que Portugal estivesse posicionado num quadrante superior a Espanha, apresentando uma densidade de empresas relativamente mais elevada, o que não acontece. A elevada correlação entre a taxa de natalidade e mortalidade em Portugal (Sarmento e Nunes, 2010b) e as elevadas taxas de mortalidade de empresas verificadas em Portugal (GEE, 2010), relativamente a Espanha (López-García, 2006), traduzem-se numa diminuição relativa da densidade de empresas existente em Portugal (Figura 15).

Figura 14 – Densidade de novas empresas e taxas de criação de empresas para os países considerados no WBGES 2008, média para a União Europeia e OCDE, para Portugal dados adicionais do INE (de acordo com o EIP) e Quadros de Pessoal (Eurostat/OCDE, 2007) e para Espanha de acordo com DIRCE, 2007

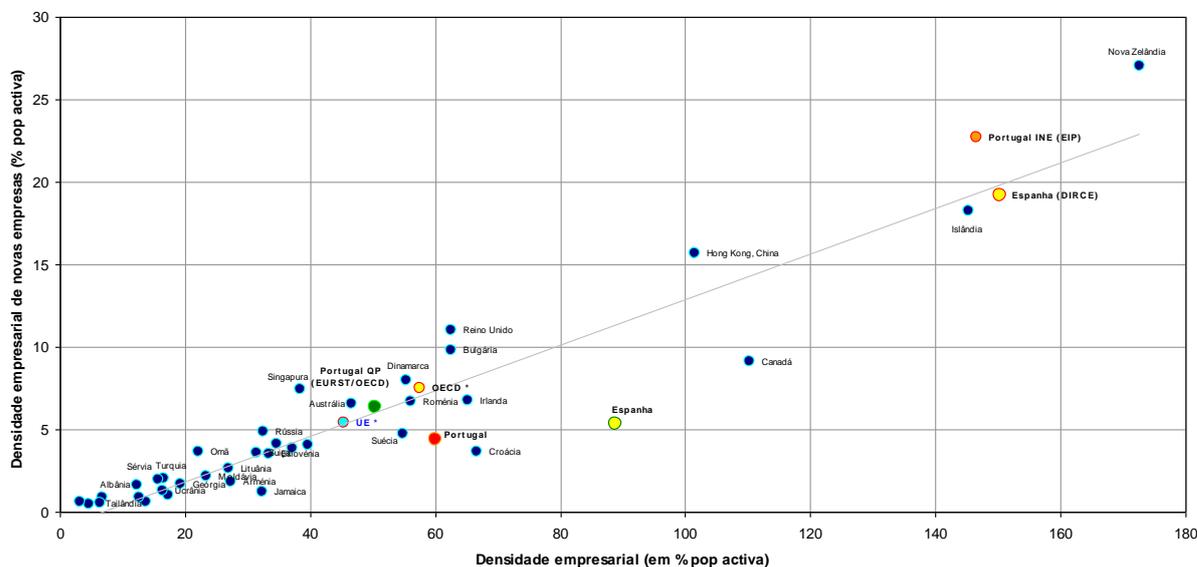


Fontes: WBGES 2008 do Banco Mundial. Adicionalmente, para Espanha, DIRCE e para Portugal dados do INE e Quadros de Pessoal (de acordo com a metodologia Eurostat/OCDE, 2007).

Nota: Apenas países para os quais existem ambos os indicadores em 2007 estão representados. Consideram-se as médias para a UE e para a OCDE.

Em 2007, a densidade de novas empresas (representadas para todos os países, desenvolvidos e em desenvolvimento, patentes no WBGES 2008, para os quais existem dados em 2007), Espanha está entre os países com maior densidade de empresas e de novas empresas (Figuras 14 e 15). Apenas quatro países apresentam maior densidade empresarial que Espanha e sete no que diz respeito à densidade de novas empresas registadas. Espanha apresenta portanto uma densidade de registo de empresas bastante elevada, não só quando comparada com países da UE e da OCDE, mas com o universo de países constantes no WBGES 2008. Portugal está posicionado em 10º lugar entre 42 países no que diz respeito à densidade empresarial e em 16º lugar na densidade de novas empresas, entre 52 países (Figura 15).

Figura 15 – Densidade empresarial e densidade de novas empresas para os países considerados no WBGES, para Portugal de acordo com o INE (EIP) e com os Quadros de Pessoal (Eurostat/OCDE) e para Espanha de acordo com DIRCE, 2007



Fonte: WBGES 2008. Adicionalmente, para Portugal: cálculos próprios para os Quadros de Pessoal (de acordo com a metodologia do Eurostat/OCDE) baseados em dados do GEP, MTSS. Adicionalmente para Espanha, DIRCE do Instituto Nacional de Estatística espanhol.

Nota: Consideram-se médias para a UE e para a OCDE. Apenas países para os quais existem os dois indicadores para 2007 estão representados no gráfico. O nome de alguns foi apagado do canto inferior esquerdo do gráfico, porque não se tornavam legíveis, embora os pontos representem todos os países.

7. Comentários finais

Esta análise apresenta uma visão unidimensional de um fenómeno multidimensional, na medida em que apenas descreve e compara o registo de empresas entre diferentes países, ou seja, apenas uma das fases do ciclo de vida das empresas. O seu complemento com a análise da mortalidade das empresas, não é efectuado neste estudo, devido à natureza da fonte dos dados, mas revelar-se-ia essencial para entender a dinâmica empresarial, as suas causas e determinantes.

A informação existente sobre a dinâmica empresarial, com base noutras fontes de informação oficiais, nomeadamente do Eurostat, aponta para taxas de criação de empresas em Portugal superiores às existentes em Espanha. A sua comparação com os indicadores de empreendedorismo apresentadas neste estudo, baseadas nos registos empresariais do WBGES 2008 do Banco Mundial, permitem validar essas conclusões. Porém, Portugal assume algumas especificidades. Detém uma maior instabilidade nas taxas de crescimento do total e de novas empresas registadas e da taxa de criação de novas empresas relativamente a Espanha, mas também relativamente a antigos países europeus da coesão ou mesmo a blocos económicos, como a UE ou a OCDE.

Em Espanha, a taxa de criação de novas empresas apresenta o valor mais elevado em 2000, sendo 2001 o ano no qual se verificam taxas de crescimento do registo de empresas mais elevadas do período. Espanha apresenta uma densidade empresarial bastante elevada, quando comparada com Portugal, mas sobretudo

com a UE e a OCDE, e com o universo de países constantes no WBGES 2008. Esta apreciável densidade empresarial, do total de empresas registadas, mas também do registo de novas empresas, indicia a par das conclusões de estudos anteriores, maiores taxas de sobrevivência empresarial em Espanha do que as existentes em Portugal.

Em Portugal, o crescimento anual mais significativo do registo de empresas, ocorreu entre 2000 e 2001, com uma taxa de crescimento de 15,5%, para o total de empresas e de 122,1% para as novas empresas. Em 2001, o elevado acréscimo no registo de novas empresas representa um fenómeno isolado e específico para Portugal, não havendo paralelo nem na Irlanda ou Grécia, nem ao nível da média da União Europeia. A entrada em vigor do terceiro Quadro Comunitário (QCA III), anunciado para 2000, pode ser apontado como eventual um factor explicativo preponderante. Uma análise feita para a criação de empresas empregadoras em Portugal com pelo menos um trabalhador remunerado, com base nos Quadros de Pessoal, revela que em 2000 ocorreu a reactivação de um grande número de empresas com mais de um trabalhador remunerado. Avançamos com a hipótese de que empresas que não apareciam nos Quadros de Pessoal, pois estavam abaixo do limiar de um trabalhador remunerado, foram imediatamente “reactivadas” em 2000, após o anúncio da abertura das candidaturas ao QCA III. Posteriormente, no ano seguinte, criou-se um número avultado de novas empresas, que aparecem conseqüentemente nos registos do WBGES em 2001. Considerando a evolução ao longo deste período, observa-se que o projecto “Empresa na Hora”, implementado em 2005, não teve um impacto substancial, a nível de elevados acréscimos no registo de novas empresas, nos anos imediatamente subsequentes ao seu início.

No entanto, de acordo com os dados dos registos de criação de empresas do Banco Mundial, apesar de Portugal e Espanha apresentarem densidades empresariais superiores à média da União Europeia e da OCDE, as taxas de registo de novas empresas são inferiores à média da UE ao longo de todo o período (com excepção de Portugal em 2001), o que leva a concluir por uma relativa menor dinâmica do registo de novas empresas a nível ibérico.

Finalmente, a comparação entre diferentes fontes de informação no que diz respeito à criação de empresas, revela que existem discrepâncias substanciais de análise, quando são consideradas empresas juridicamente activas ou empresas economicamente activas, não só a nível de posicionamento relativo dos mesmos indicadores para um determinado país, como também quando se utilizam os mesmos indicadores para comparar entre diferentes países. A utilização dos dados do WBGES 2008, traduz-se em taxas de criação de empresas em geral mais baixas do que as taxas de criação de empresas obtidas a partir da população de empresas economicamente activas, pois a população total de empresas registadas formalmente é naturalmente maior do que o número de empresas economicamente activas. Este facto indica que análises comparativas de empreendedorismo entre países, não devem considerar apenas o registo de empresas, devendo ser complementadas com outras fontes de informação, onde esteja representado o universo relevante de empresas efectivamente em actividade.

BIBLIOGRAFIA

- Acs, Z., S. Desai e L. Klapper (2008), "What does "Entrepreneurship" data really show?, a comparison of the Global Entrepreneurship Monitor and the World Bank Group Datasets", World Bank, Policy Research Working Paper Series 4467.
- Ahn, S. (2001) "Firm dynamics and Productivity Growth: a review of micro evidence from OECD countries", OECD Economics Department Working Paper No. 297, Paris.
- Audretsch, D. (1995) "Innovation, Growth and Survival", International Journal of Industrial Organization, n. 13, p. 441-457.
- Banco Mundial (2009), "World Bank Group Entrepreneurship Survey (WBGES), Frequently asked questions", a Brief from the Development Research Group.
- Banco Mundial (2008), "Doing Business", The World Bank: Washington, D.C..
- Banco Mundial (2007), "Doing Business 2007 – How to Reform", The World Bank: Washington, D.C..
- Bartelsman, E.J., S. Scarpetta, e F. Schivardi, (2005), "Comparative Analysis of Firm Demographics and Survival: Evidence from Micro-level Sources in OECD Countries", Industrial and Corporate Change, 14(3): 365–391.
- Bartelsman, E. J., J. Haltiwanger, e S. Scarpetta (2004), "Microeconomic Evidence of Creative Destruction in Industrial and Developing Countries", IZA Discussion Paper Series, No. 1374, October.
- Cabral, L. (2007), "Small firms in Portugal: A selective Survey of Stylized Facts, Economic Analysis and Policy Implementation", Portuguese Economic Journal, vol. 6 (1), p. 65-88.
- Carree, M., A. van Stel, R. Thurik e S. Wennekers (2002), "Economic development and business ownership: an analysis using data of 23 OECD countries in the period 1976-1996", Small Business Economics 19, 271-290.
- Colantone, I. e L. Sleuwaegen (2008), "Entry and exit of firms in a global economy: a cross-country and industry analysis", Vlerick Leuven Gent Management School Working Paper Series 2007-36, Vlerick Leuven Gent Management School.
- Consejo Superior de Cámaras de Comercio, Industria y Navegación de España, (2003) "Creación y consolidación de empresas. Políticas de apoyo", Servicio de Estudios.
- Cordeiro, H., (2007), "Structural Business Statistics: an integrated and simplified system to comply with multi-obligations", Statistics Portugal, presented at the seminar "Reengineering of business statistics", organised by Statistics Portugal and Eurostat, 11th and 12th of October of 2007.
- Eurostat (2009), "Business Demography: employment and survival", Statistics in focus, 70/2009.
- Eurostat (2004), "Business demography in Europe, results for 10 member states and Norway", joint work with the European Commission.
- Eurostat/OCDE (2007), "Eurostat/OECD Manual on Business Demography Statistics".
- GEE (2010), "Síntese Estatística da Dinâmica Empresarial", Gabinete de Estratégia e Estudos, Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento.
- Görg, H., E. Strobl e F. Ruane (2000), "The Determinants Of Firm Start-Up Size: A Comparison Of Ireland And Portugal," Trinity Economics Papers 20008, Trinity College Dublin, Department of Economics.
- Hoffman, A. e M. Junge (2006), "Documenting Data on High-growth Firms and Entrepreneurs across 17 Countries" Fora Working Papers, October 2006.

- Instituto Nacional de Estatística (2009), "Demografia de Empresas 2004-2007, O Empreendedorismo em Portugal - Indicadores sobre a Demografia das Empresas", Destaque.
- Kaufmann, D., A Kraay e M. Mastruzii, (2009), "Governance Matters VIII: Aggregate and Individual Governance Indicators, 1996-2008", World Bank Policy Research Working Paper No. 4978.
- Kaufmann, D., A Kraay e M. Mastruzii (2008), "Governance Matters VII: Aggregate and Individual Governance Indicators, 1996-2007", World Bank Policy Research Working Paper No. 4654.
- Kaufmann, D., A Kraay e M. Mastruzii (2006), "Governance Matters V: Aggregate and Individual Governance - Indicators for 1996-2005", The World Bank.
- Kaufmann, D., A Kraay e M. Mastruzii (2004), "Governance Matters III: Governance Indicators for 1996, 1998, 2000, and 2002". World Bank Economic Review. 18:253-287.
- Kaufmann, D., A. Kraay e P. Zoido (1999), "Aggregating Governance Indicators", World Bank Policy Research Working Paper N. 2195.
- Klapper, Leora, A. Lewin e J. M.Q. Delgado (2009), "The impact of business environment on the business creation process", The World Bank Policy Research Working Paper Series 4937.
- Klapper, Leora (2008), "Entrepreneurship and Economic Development, an overview of the 2008 World Bank Entrepreneurship Survey (WBGES)", Presentation, The World Bank Group.
- Klapper, L., R. Amit e M. Guillén (2008), "Entrepreneurship and firm formation across countries" The World Bank Policy Research Working Paper Series 4313.
- Klapper, L. F. e Juan Manuel Quesada Delgado (2007), "World Bank Group Entrepreneurship Survey: Data Overview", 2007 Kauffman Symposium on Entrepreneurship and Innovation Data, World Bank 2007.
- Klapper, L. (2006), "Entrepreneurship: How Much Does the Business Environment Matter?" Viewpoint series, Note 313. World Bank Group, Financial and Private Sector Development Vice Presidency, Washington, D.C.
- López-García, P. e S. Puente (2006) "Business demography in Spain: determinants of firm survival", Documentos de Trabajo No. 608, Banco de España.
- Nunes, A. e E. de Morais Sarmiento (2010a), "Business demography dynamics in Portugal: a non-parametric survival analysis", Working Papers do Grupo de Estudos Monetários e Financeiros, nº 10/2010, Universidade de Coimbra (2010).
- Nunes, A. e E. de Morais Sarmiento (2010b) "Business demography dynamics in Portugal: a semi-parametric survival analysis", Working Papers do Grupo de Estudos Monetários e Financeiros, nº 9/2010, Universidade de Coimbra (2010).
- Nunes, A. e E. de Morais Sarmiento (2010c), "Survival dynamics in Portugal, a regional perspective", ERSA Congress Proceedings, 50th Anniversary European Congress of the Regional Science Association International, Sweden.
- OCDE/Eurostat (2009), "Measuring Entrepreneurship, A Collection of Indicators, 2009 Edition", OECD-Eurostat Entrepreneurship Indicators Programme.
- OCDE/Eurostat (2008), "Measuring Entrepreneurship: A digest of indicators", OECD-Eurostat Entrepreneurship Indicators Programme.
- Robinson, C., O'Leary, B. e Rincon, A. (2006), "Business start-ups, closures and economic churn. A review of the literature", Final report, Prepared for the Small Business Service, 23rd August 2006.

Sarmento, E. Morais e Nunes, A. (2010a), "Getting smaller: size dynamics of employer enterprises in Portugal", apresentado na II International Workshop Entrepreneurship Culture and Finance, Espanha.

Sarmento, E. de Morais e A. Nunes (2010b), "Entrepreneurship performance indicators for active employer enterprises in Portugal", Temas Económicos nº 9, Gabinete de Estratégia e Estudos, Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento.

Sarmento, E. de Morais e A. Nunes (2010c), "Business creation in Portugal: Comparison between the World Bank data and Quadros de Pessoal", Working Papers em Gestão nº 1/2010, Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Universidade de Aveiro (2010).